

NOTAS SOBRE REGIONALISMO E LITERATURA REGIONAL: PERSPECTIVAS CONCEITUAIS

João Claudio Arendt*

Resumo: Neste artigo, tenho o propósito de suscitar o debate sobre o conceito de “regionalismo”, tradicionalmente empregado no Brasil para rotular e classificar as obras de ambiência rural. Ao mesmo tempo, procuro avançar na definição de outras categorias – como “literatura regional”, “literatura *em* uma região” e “literatura *sobre* uma região” – que contribuam para o estudo da multiplicidade de produções literárias que apresentam marcas de regionalidade. Trato de propor, em sentido amplo, uma sociologia da literatura que subsidie a renovação dos estudos literários de viés regional. Na base teórica do trabalho, encontram-se autores de língua alemã, especialmente Stüben (2002), Berumen (2005), Kramer (2006), Mecklenburg (2008) e Joachimsthaler (2009).

Palavras-chave: Regionalismo. Regionalidade. Literatura regional.

Portanto, onde desaparece a “totalidade” do conceito de cultura, lá a “regionalidade” pode continuar a sua existência enquanto discurso de poder (KUNICKI, 2005).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

■ **P**arto da convicção de que estas notas são insuficientes para dar conta das diferentes nuances conceituais que dizem respeito às literaturas regionais e regionalistas. Por isso, prefiro tomá-las como uma aproximação ao tema – uma tentativa voltada antes ao intento de suscitar o debate, do que de fincar o pé em alguma posição permanente. As reflexões iniciaram

* Universidade de Caxias do Sul (UCS) – Caxias do Sul – RS – Brasil. E-mail: jcarendt@ucs.br

no grupo de pesquisa “Leitura, Literatura e Processos Culturais”, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul (PPGLet/UCS), e seu aprofundamento teve continuidade em estágio pós-doutoral que realizei na Universidade Livre de Berlim, sob a supervisão de Lígia Chiappini, especialista no tema do regionalismo e autora de matérias importantes sobre o assunto. Durante o ano de 2011, também estabeleci diálogos significativos com pesquisadores da Alemanha e da Áustria, acerca de categorias como região, regionalidade, regionalismo, cultura regional, região cultural e literatura regional¹.

O rumo da investigação fez-me pensar que, em um país como o Brasil, com uma dimensão territorial que quase corresponde à do continente europeu (são mais de oito milhões de quilômetros quadrados divididos em 26 estados, contra dez milhões de quilômetros quadrados distribuídos em 46 países independentes, incluindo outros dez territórios), é inconcebível o fato de pesquisadores e historiadores da literatura não identificarem e enfocarem com maior precisão os sistemas literários que se desenvolvem nos inúmeros âmbitos regionais do país². Da mesma forma, também me pareceu impossível aceitar que, à revelia da pluralidade cultural do Brasil (historicamente desenvolvida), ainda se considerem as manifestações literárias de Norte a Sul como uma unidade aparentemente homogênea, todas elas convergindo para um (epi)centro geográfico e sociocultural.

De um modo geral, as classificações propostas por historiadores da literatura nacional ou estadual não dão conta da multiplicidade de manifestações literárias e sua articulação, principalmente, com os sistemas literários regionais. As histórias literárias não abarcam a totalidade das obras e autores que conseguiram transbordar as fronteiras regionais em que nasceram e, muito menos ainda, as produções cuja circulação a elas se restringiram. O grande número de obras publicadas por gráficas e editoras de pequeno porte, localizadas fora dos centros urbanos ou regiões metropolitanas, dificilmente integram as histórias literárias, em razão tanto do critério qualitativo que se impõe à visibilidade das Letras estaduais e nacionais, quanto ao hábito de se qualificarem essas criações como menores, provincianas, regionalistas.

Tomarei como exemplo a classificação a seguir, proposta por Alfredo Bosi (1970) em sua *História concisa da Literatura Brasileira* com base no uso da linguagem, na matéria representada e na visão do mundo dos autores. Na obra desse historiador da literatura brasileira, são catalogáveis:

- o regionalismo tenso e crítico;
- o regionalismo crônica ou reportagem, que mistura relato pitoresco e vaga reivindicação política;
- o regionalismo menor, amante do típico e do exótico;
- o regionalismo apegado a velhas convenções narrativas;
- o regionalismo de valor documental;
- o regionalismo moderno e complexo;
- o regionalismo neorrealista;

1 Desse diálogo com germanistas da Alemanha e da Áustria surgiu a reunião de nove ensaios já vertidos para o português e que compõem o livro *Regionalismus – regionalismos: subsídios para um novo debate* (ARENDE; NEUMANN, 2013).

2 Entenda-se aqui o regional numa escala que não corresponde, necessariamente, à divisão política do país em estados.

- o regionalismo do simples registro de costumes locais;
- o regionalismo de opção crítica e de engajamento;
- o regionalismo de novelística da terra;
- o regionalismo tradicional;
- o regionalismo de incursão na alma primitiva;
- o regionalismo do telúrico, do bárbaro e do primordial;
- o regionalismo de esconjuro do pitoresco e do exotismo de epiderme;
- o regionalismo banal que copia as superfícies.

Creio que essa (sub)categorização de Bosi atua não só como forma de inclusão e exclusão de autores do sistema literário nacional, mas também de diferenciação entre obras supostamente boas e ruins. Por ser valorativa, ela parece ignorar os diferentes tipos de relações de regionalidade dos textos, abrigando tudo aleatoriamente sob o vago título de “regionalismo”. Tal procedimento corrobora a opinião de Pozenato (2001, p. 590) de que, “ao menos no campo da literatura brasileira, o conceito de regionalismo tem sido utilizado para identificar e descrever todas as relações do fato literário com uma dada região”.

Embora de uso corrente nos estudos literários, observo que o termo regionalismo provoca confusões de natureza conceitual, especialmente porque, conforme já afirmei, ele é empregado para englobar todas as manifestações literárias de ambiência rural, sem que se considere a diversidade de posicionamentos ou de pontos de vista dos escritores. Da mesma forma, tem sido gerador de preconceitos, por considerar as produções regionais com base no critério do valor universal do fato literário. Sem o propósito de avançar aqui na direção de uma revisão histórica sobre o uso dessa categoria nos estudos literários brasileiros (tarefa imprescindível e de largo fôlego), pretendo pelo menos problematizá-la por meio da aproximação de algumas posições teóricas mais recentes.

O REGIONALISMO E O REGIONALISMO LITERÁRIO

Inicialmente, deve-se considerar que o regionalismo existe como discurso e prática em campos às vezes muito díspares, como o político-administrativo, o econômico, o midiático, o artístico, o científico, o turístico etc. Ele não é privilégio de escritores, editores e críticos literários interessados em superestimar e superfaturar o poeta local (o *genius loci* ou *genius subnatio*) em relação a outras regiões ou à própria nação. Enquanto fenômeno próprio das sociedades modernas, o regionalismo é utilizado por “grupos ou movimentos especializados para impor territorial e geograficamente os seus (bem definidos) interesses de natureza econômica, política ou cultural” (KRAMER, 2006, p. 10). Além disso, dependendo das negociações entre os grupos de interesses, ele pode colocar-se tanto a favor do nacional (“um regionalismo pode se aliar a um nacionalismo contra o internacionalismo”), quanto do internacional (“também pode se aliar ao internacionalismo contra um nacionalismo” (KRAMER, 2006, p. 22)).

Pronunciado pela primeira vez nos países românicos, no final do século XIX, como ferramenta política contra a centralização do Estado, o regionalismo tem se imiscuído nos discursos em relação conflituosa com diversos outros termos, compondo o que Kramer (2006, p. 22) chama de “pares opostos”: “Nação e região,

cidade e campo (cidade grande e paisagem rural), metrópole e província, centro e periferia, modernidade e tradição, civilização e cultura, hibridismo e pureza, falsidade e autenticidade, deslocalização intelectual e identidade nativa”.

O regionalismo parece estar em contínua tensão com elementos espaciais e temporais, no seu propósito de elaborar representações de si e dos outros, afirmar certas particularidades, delimitar um território e definir relações com o meio ambiente. São comuns, nesse sentido, a ritualização da história e dos mitos fundadores, o culto aos heróis e a criação de monumentos e de lugares de memória. Da mesma forma, podem ser estabelecidas crenças comuns, estipulados posições e papéis sociais, bem como identidades, associando, por exemplo, a mulher à cultura urbana de massa e o homem à cultura rural regional (este enquanto personagem ativo da história, guerreiro e desbravador). Ou, em sentido diverso, a mulher como guardiã dos valores familiares, da moral cristã, da vitalidade telúrica etc. O regionalismo visa transformar, em última instância, uma área geográfica em um espaço social claramente identificado e, por se relacionar com a construção de identidades, carrega um forte componente cognitivo.

Enquadrando o regionalismo sob a óptica da literatura, o seu sentido de base não se modifica substancialmente – mas apenas se especializa –, apresentando-se como uma das inúmeras forças centrípetas do regionalismo mais amplo. Mecklenburg (2008) acredita que coube ao regionalismo literário, desde o final do século XIX, o papel de articular o sentimento de mal-estar na modernidade e representar, de maneira poética, uma reivindicação cultural pela diferença, por uma diversidade não universalizante, de modo que ele pertenceria, hoje, às tendências contrárias às forças destrutivas da globalização. Todavia, segundo o autor,

[...] o problema do regionalismo, que apenas pode ser resolvido artisticamente, é sua tendência ao provincianismo e ao etnocentrismo. Autores regionalistas permanecem frequentemente presos a seus horizontes estreitos, mesmo quando escrevem em e a respeito de regiões que são multiculturais e que deles exigem um “treinamento” intercultural correspondente (MECKLENBURG, 2008, p. 492).

Sem entrar a fundo no mérito das soluções artísticas, gostaria de evocar o exemplo da literatura sul-rio-grandense que historicamente vem sendo apodada de regionalista. Nela se instalou, desde a sua formação no século XIX, uma tendência à exaltação do “gaúcho”, um tipo social surgido no extremo-sul do continente americano durante a conquista e instauração do território brasileiro. Por longo tempo, à revelia de toda e qualquer corrente imigratória que aí tenha aportado, prevaleceu a representação desse gaúcho como síntese histórica, étnica e cultural para o Rio Grande do Sul. Mesmo com a emergência de tendências literárias posteriores, mais abertas à diversidade cultural, essa corrente continuou subsumindo os valores ideais para os habitantes do Rio Grande do Sul sob o epíteto do gauchismo, e acabou sendo absorvida pelo Movimento Tradicionalista, que possui Carta de Princípios e se desdobra em Centros de Tradições Gaúchas (CTG). Entre os seus objetivos consta, por exemplo, o de “criar barreiras aos fatores e ideias alienígenas que nos vêm pelos veículos normais de propaganda e que sejam diametralmente opostos ou antagônicos aos costumes e pendores naturais do nosso povo”³. Além disso, com o que o Movimento chama

3 Disponível em: <<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/tradicionalismo.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2011.

de “força intrínseca”, são proibidos nos CTG os bailes de carnaval e as visitas do Papai-Noel, bem como a participação de homossexuais no Tradicionalismo.

Do ponto de vista literário, desde o século XIX até a atualidade, o Movimento Tradicionalista considera relevantes para o desenvolvimento do “Regionalismo gauchesco” autores como Caldre e Fião, José de Alencar, Bernardo Taveira Júnior, Múcio Teixeira, Roque Callage, João Mendes de Taquari, Luiz Araújo Filho, João Simões Lopes Neto, Alcides Maya, Darcy Azambuja, Erico Verissimo, Barbosa Lessa, Manoel do Carmo, Ramiro Barcelos, Vargas Neto, Pery de Castro, Manoelito de Ornellas, Augusto Meyer, Waldemar Correia, José Figueiredo Pinto, Balbino Marques da Rocha, Aureliano de Figueiredo Pinto, Juca Ruivo, Lauro Rodrigues, Glaucus Saraiva, Horácio Paz, Waldomiro Souza, Cyro Gavião, João Palma da Silva, Silvio Duncan, Lacy Osório, Jayme Caetano Braun, Apparicio Silva Rillo, Mozart Pereira Soares, José Hilário Retamoza⁴. Mesmo entendendo o regionalismo como “corrente artística que [...] aproveita em todas as artes os temas regionais”⁵, o Movimento Tradicionalista não incorpora ao rol dos seus autores preferidos alguém como Cyro Martins, que questionou as estruturas tradicionais da sociedade sul-rio-grandense e mostrou um gaúcho sem lances de heroísmo. Da mesma forma, não distingue, a partir das soluções artísticas, Erico Verissimo e Simões Lopes Neto de outros autores que simplesmente repetiram as fórmulas tradicionais do gauchismo romântico.

Ao mesmo tempo, a maioria dos autores citados como ideais pelo Movimento Tradicionalista tem como enfoque central o universo gauchesco da região da Campanha, palco de conflitos entre portugueses e espanhóis pela conquista do território e espaço em que se desenvolveu a economia pastoril, nos séculos XVIII e XIX. Ignoram-se, assim, as representações literárias de outras etnias e regiões culturais do estado, com suas respectivas contribuições para a formação histórica e social do gaúcho – fato que demonstra tanto o etnocentrismo quanto a falta de treino do tradicionalismo regionalista para a interculturalidade mencionada por Mecklenburg. Além disso, parafraseando Barcia (2004), aqui se afigura extremamente reducionista restringir a literatura do Rio Grande do Sul ao gauchismo e o sul-rio-grandense ao gaúcho.

Por conseguinte, o regionalismo parece resultar de uma tensão conflituosa de interesses “dentro de” e “por” um espaço geográfico. Nessa perspectiva, Barcia (2004, p. 29) acredita que

[...] el regionalismo literario o la literatura regionalista suponen un grado de exasperación, un acentuar, por el sufijo, lo regional. Este apoyar el pedal del “ismo” puede llegar a la hipertrofia. La literatura regionalista es producto de un profesionalismo de lo regional. El regionalismo genera una literatura “regionalizada” por decisión del autor, limitada a la región, centrada en ella. Es programática y poéticamente consciente de que abunda – y su imperativo es abundar – en rasgos específicos, distintivos de la región.

Propor que no regionalismo literário ocorre uma acentuação do regional, por meio do sufixo “ismo” implica aceitar que uma determinada tendência literária aderiu consciente e voluntariamente a um projeto de sacralização de um “espaço” e sua “cultura”. A mesma lógica pode ser aplicada àquelas literaturas que exaltam

4 Disponível em: <<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/tradicionalismo.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2011.

5 Disponível em: <<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/tradicionalismo.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2011.

a nação (o nacionalismo literário) ou a província (o provincianismo literário), porque essas também exasperam um “espaço” – diferentemente do indianismo, do nativismo, do telurismo etc., onde não há uma referência espacial específica. Note-se, nessa perspectiva, que “quando falamos de regionalidade – seja ela pensada como nacional-constitutiva, internacional ou pós-nacional – temos sempre diante dos olhos um território, uma superfície ou uma paisagem” (POLASCHEGG, 2007, p. 19). O “espaço”, desdobrado em território, superfície e paisagem, é a categoria constitutiva da região; ou, dito de outro modo, referir-se à literatura regionalista implica considerar sempre um componente espaço-territorial que lhe é indissociável.

Se, como crê Barcia, a adesão ao regionalismo literário depende de uma decisão consciente de um autor (o profissional do regional), então é lógico afirmar, conforme propõe Mader (1994, p. 19), que na literatura regionalista os autores “apropriam-se do assunto do regionalismo em seus textos e, desse modo, juntam-se a esse movimento político-cultural, assumindo-se como seus porta-vozes e patrocinadores”. O regionalismo literário comporta-se, portanto, de forma programática e comprometida com determinadas regionalidades (aqui entendidas como particularidades culturais de um espaço regionalizado ou que se regionaliza)⁶.

Nessa mesma perspectiva, Stüben (2002, p. 59) propõe “definir como literatura regionalista aquela que propaga a cultura de uma região como programa e paradigma, que lhe impõe limites em relação a outros espaços ou a defende contra um centro”. Nessa definição, destacam-se igualmente os aspectos programáticos e paradigmáticos do regionalismo literário no que diz respeito à cultura de uma região. A defesa de valores como a linguagem, os tipos humanos, os costumes e a relação telúrica com a terra constitui um dos seus traços mais marcantes.

Parece, com base nesses depoimentos, que a condição fundamental para que uma obra literária seja qualificada como “regionalista” é o seu comprometimento voluntário com a cultura de uma região, e não a simples ambiência da sua trama em um espaço rural. A exaltação e a defesa de caracteres julgados ideais para a configuração de um *ethos* regional (em oposição, por exemplo, ao urbano ou ao suprarregional) é o que atribui especificidade a esse tipo de literatura. Em razão disso, é possível arriscar uma rápida exemplificação: *O sertanejo*, de José de Alencar, e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, não deveriam ser abrigados sob a expressão “regionalismo”, só porque ambos os romances estão ambientados em espaços rurais. Enquanto o primeiro idealiza (idiliza) o tipo de organização social do interior cearense oitocentista, o último questiona os mecanismos de poder do patriarcado rural alagoense do primeiro quartel do século XX. O posicionamento dos autores diante da matéria representada, nesse sentido, é diametralmente divergente e inconciliável, parecendo incoerente denominá-los “regionalistas” e diferenciá-los apenas com o recurso da adjetivação (regionalismo pitoresco ou romântico e regionalismo crítico ou neorrealista, respectivamente), ou alçar a obra de um deles a uma dimensão supostamente “universal”, para negar-lhe o parentesco com a literatura regionalista.

A literatura que se assume regionalista costuma qualificar uma região por meio da representação positiva das suas regionalidades. Ela se alia ao regionalismo com intenções programáticas, tais como: preservar ou revalidar uma linguagem

6 Ver a discussão sobre o conceito de regionalidade em Arendt (2012).

e um conjunto de hábitos em vias de extinção; tentar impedir o avanço da mecanização e da indústria sobre as formas tradicionais de produção; construir mitos de origem e exaltar os fundadores da região; defender os valores naturais em oposição aos artificiais; lutar contra as forças alienígenas que potencialmente ameaçam a região etc. Essa corrente literária pode ser inserida na categoria que Schütz (2007, p. 16), de forma ampla, denomina “Região como intenção da literatura”, e com a qual procura identificar a literatura que se interessa por uma determinada região com o propósito de “construir um sentimento de terra natal ou de fortalecer uma identidade (separatista) minoritária”. Em outros termos, Schütz acredita que essa literatura orienta-se principalmente pela persuasão ou constituição de uma região ou de uma regionalidade bem específica.

Dependendo, em suma, do posicionamento de cada autor diante do universo representado, a literatura regionalista, na óptica de Barcia (2004, p. 41-42), pode vir marcada pelas seguintes características que a distinguem de outras produções ambientadas em espaços regionais:

1. *Se ata a una estética romántica apoyada en el color local.*
2. *Tiende al exhibicionismo colorista y al pintoresquismo.*
3. *Prefiere el descripcionismo que acaba por tragarse todo [...].*
4. *Predomina en ella el énfasis sentimental ponderativo.*
5. *Adopta el gesto desdeñoso y excluyente de lo ajeno.*
6. *Contiene excesivas notas nostálgicas. Tono elegíaco.*
7. *Practica el culto al pasado. Gerontofilia y neofobia.*
8. *Se place en el encaracolamiento en el própio, la cerrazón cultural. La región como valva protetora.*
9. *Acentúa el espíritu de campanario cultural.*
10. *Tiene el temor de las influencias: lo exterior es nocivo.*
11. *Tiende a la tipificación psicológica en la narrativa.*
12. *Exige una enciclopedia regional en el lector.*

DO REGIONALISMO LITERÁRIO A OUTRAS CATEGORIAS

Do casamento entre literatura e região surgiram as expressões “literatura regionalista” e “regionalismo literário”, geralmente utilizadas para referir e descrever todas as conexões entre um texto literário e um espaço rural. Entretanto, no que diz respeito à possibilidade de renovação dos estudos sobre as diferentes relações entre literatura e região, deveriam ser consideradas outras categorias capazes de distinguir e descrever particularidades que aquelas expressões não dão conta de abranger. Destacam-se, nessa perspectiva, além da já referida “literatura regionalista”, as seguintes categorias propostas por Joachimsthaler (2002) e Stüben (2002): “literatura regional”, “literatura em uma região”, “literatura sobre uma região”, “literatura localizada em uma região”, “literatura provinciana/literatura da terra natal” e “literatura regional-nacional”. Mesmo que Schütz (2007, p. 16) tenha preferido reuni-las sob um esquema diferente (“1. Região como base da literatura; 2. Região como horizonte da literatura; 3. Região/regionalidade como intenção da literatura”), sob a alegação de que algumas categorias não passam de subaspectos de outras, prefiro manter a categorização daqueles autores por considerá-la capaz de dar conta da produção literária de orientação regional de forma bem mais detalhada. A reflexão a

seguir abrange a “literatura regional”, a “literatura *em* uma região” e a “literatura *sobre* uma região”.

A LITERATURA REGIONAL

A “literatura regional”, talvez por ser inadvertidamente tomada como sinônimo de “literatura regionalista”, costuma ser entendida como “aquela literatura limitada do ponto de vista da difusão e do prestígio, a qual, porém, não se restringe necessariamente a temas regionalistas” (SCHEICHL, 1993, p. 34). Essa compreensão apresenta pelo menos três aspectos essenciais envolvidos em sua definição: a difusão, o prestígio e os temas.

A “difusão” tem implicações sociológicas e remete à existência de um sistema literário regionalizado, de “um sistema particular”, na expressão de Berumen (2005, p. 38). Casas editoriais, bibliotecas, livrarias, feiras de livros, grêmios ou associações literárias, instituições de patrocínio, periódicos, entre outros, emergem enquanto forças capazes de congregar autores e público, e fomentar a difusão de obras. Stüben (2002, p. 62) destaca, nessa perspectiva, os seguintes elementos:

- *Escolas e universidades (como instituições de formação dos autores e seu público, como locais de pesquisa científica e espiritual).*
- *Ensino de línguas e educação literária.*
- *Vias e meios de difusão da literatura (vida literária), instituições culturais, imprensa.*
- *Jornais, revistas, calendários, almanaques.*
- *Editoras e livrarias.*
- *Bibliotecas para pesquisa e empréstimo.*
- *Grêmios literários, clubes culturais, grupos de leitura, salões, performances de poesia.*
- *Crítica literária.*
- *Política cultural de Estado, regional e local.*

A estruturação de um sistema literário dentro de um espaço particularizado, afastado ou não de centros metropolitanos, torna-se responsável, pois, pelo processo de regionalização da literatura. A difusão limitada não resulta, necessariamente, da baixa qualidade da literatura regional. Trata-se antes de uma autonomia maior dos sistemas literários regionais em função da autossuficiência do seu capital artístico. Autores que produzem, editoras que publicam, eventos que promovem e público que consome ajudam a compor uma paisagem literária diferenciada, inserida, por sua vez, em uma paisagem mais ampla e diversificada.

Nessa perspectiva de raciocínio, Berumen (2005, p. 65) concorda que se pode pensar “*la literatura regional en los términos de un sistema literario particular regido por su propias leyes*” e fazendo parte “*de un conjunto mayor de sistemas jerarquizados que coexisten e interactúan unos con otros*”. Para além disso, o autor acredita que reconhecer a existência de sistemas literários regionais – compostos por autores, obras, mediadores e receptores – contribui para evitar o determinismo temático, porque “*se pone el énfasis en los procesos sociales más amplios de producción, circulación, distribución y recepción de los productos literarios, antes que en el mero registro de las peculiaridades regionales presentes en los textos mismos*” (BERUMEN, 2005, p. 71).

Um aspecto a se considerar aqui, do ponto de vista metodológico, é que o estudo das obras tradicionalmente apodadas de regionalistas centra-se na análise do seu conteúdo ou na cronologia das publicações. E o que Berumen propõe é que se descentralize o enfoque temático (o que eu chamaria de análise das regionalidades internas ao texto), para considerar os processos sociais de produção, circulação e recepção (as regionalidades externas ao texto). A partir desse novo ajuste poderiam ser explicados, na minha opinião, casos de recepção positiva ou negativa com base em eventos de natureza editorial, no sentido de que certos autores ficam restritos à região ou transbordam as suas fronteiras por razões que escapam as explicações de natureza apenas conteudística – aquelas com base em juízos valorativos que privilegiam o “universal”. De um lado, é sabido, por exemplo, que o empenho de editoras com fins estritamente comerciais, aliado a *performances* presenciais de autores em eventos literários ou escolas, pode alavancar a circulação de obras cujo conteúdo seria duramente questionado pela crítica especializada. De outro, é possível ocorrer o processo inverso, em que obras lançadas por editoras universitárias ou sem fins lucrativos (bibliotecas municipais ou casas de cultura que adquirem selos para atuarem como editoras) não conseguem ultrapassar as fronteiras municipais ou regionais por falta de experiência ou de interesse comercial.

O segundo elemento – o “prestígio” – ocupa um lugar desconfortável nos estudos literários. O valor atribuído às literaturas regionais tem íntima relação com os juízos historicamente emitidos acerca das próprias regiões, que costumam ser qualificadas como espaços provincianos, atrasados e à margem dos grandes acontecimentos históricos. E vale lembrar que a regionalização da literatura brasileira principiou simultaneamente ao processo de nacionalização pós-independência. Enquanto alguns escritores assumiam a defesa dos valores nacionais, outros dedicavam-se à representação literária das suas respectivas províncias, muitas vezes em oposição àqueles, transformando suas regiões em pequenas pátrias⁷. Aliado ao ideário romântico, impôs-se o exótico como um dos traços fundamentais da literatura de ambiência rural: as paisagens, os costumes e os tipos humanos dos quatro cantos do país precisavam impressionar os leitores (urbanos) por suas peculiaridades primitivas e provincianas.

Nascido nesse contexto, o aspecto valorativo-depreciativo deitou raízes na crítica e na história literária, fixando o estereótipo da inferioridade às criações regionais e às literaturas circunscritas a/por espaços regionais. De acordo com Murari (2008, p. 1),

[...] fenômeno de longa duração, sua relevância e significado [do regionalismo] na cultura do país foram avaliados, frequentemente, por um viés negativo, que o associava à vulgarização dos estereótipos relativos às culturas rurais, a seu comportamento arcaico, desditoso ou pitoresco, e a seus modos retrógrados de vida, ou seja, à construção de um avesso da modernidade, condição inicial a ser superada pelo avanço da urbanização ou pela transformação das tradicionais estruturas de poder.

Disso resulta não só o aprofundamento do hiato entre o urbano e o rural, mas também a consolidação do binômio “universal *versus* regional”, sendo o primeiro a medida de valor para o segundo. Em outros termos, uma obra regio-

7 Ver discussão desenvolvida por mim em Arendt (2010).

nal(ista) somente ingressará na modernidade e na urbanidade se atingir um certo grau de excelência capaz de inscrevê-la na universalidade – essa podendo ser entendida, de forma ampla, como a capacidade de um texto de libertar-se de uma ancoragem restrita, por meio da superação de contingências de natureza linguística, cultural, espacial e temporal.

A seguinte equação desenvolvida por Fischer (2007, p. 134) ajuda a iluminar a valoração que comumente é devotada à literatura regional:

[...] cidade grande + modernização + vanguarda = arte verdadeira; sem qualquer um desses itens, temos arte velha, irrelevante, desprezível, merecedora no máximo de uma nota de pé de página. A soma desses pressupostos resulta na entronização de certo tipo de literatura não como um estilo, uma variedade, mas como a melhor literatura e, nos casos mais extremos, a única literatura (a única arte, nos casos delirantes) válida.

E aqui não se pode esquecer de que a cidade (grande) está historicamente atrelada à noção de centro cultural, para a qual, ainda hoje, intelectuais e escritores procuram migrar a fim de se fazerem conhecidos e reconhecidos pelos pares ou pelo público leitor. Na opinião de Löw (2010, p. 612), as cidades costumam ser compreendidas como lugares de cristalização social e, por conseguinte, de desenvolvimento estético, espacial, político etc.:

Cidades são centros tanto de força produtiva quanto de cultura. E a própria cultura é tida como um produto urbano. Em particular, a presença da chamada alta cultura dos museus, dos teatros e da arquitetura singular, bem como a denominada subcultura dos jovens e as comunidades não hegemônicas (étnicas, homossexuais, proletárias) que se encontram demarcadas em oposição àquela, servem como distinção entre a cidade e o subúrbio e até entre a cidade e o campo.

No que diz respeito, por sua vez, ao terceiro elemento – o “tema” –, os adjetivos “regional” e “regionalista” são usualmente associados às literaturas de ambiência estritamente rural, em razão de a região ser tomada aprioristicamente como um espaço interiorano e rural, afastado das capitais e das metrópoles. E dessa concepção equivocada deduzem-se pelo menos dois aspectos: 1. que as cidades não se inserem nas regiões, ou, em outro sentido, compõem “centros” em torno dos quais as regiões gravitam; 2. que, em decorrência disso, os temas urbanos não fazem parte das regiões, levando a crer que as particularidades citadinas existem *ex situ*. Tal divisão, obviamente, não é explicitada pelos críticos literários, mas deduzida em razão das suas abordagens e classificações.

Como contrapartida a essa forma de dispor espacialmente a literatura, deve-se dizer que os espaços urbanos, embora tradicionalmente caracterizados pela diversidade, pelo universalismo e pelo cosmopolitismo, não possuem existência independente das regiões. Não são ilhas autossuficientes, em conexão apenas com outras ilhas urbanas e “não regionais”. O seu universo cultural, ao mesmo tempo que transborda as fronteiras imaginárias e age sobre o entorno rural, também recebe o impacto dos valores que pretende negar ou sobrepujar. As fronteiras, portanto, são antes espaços de comunicação, troca e intercâmbio, do que de segregação, autonomia e isolamento. Em razão disso, nenhuma literatura “urbana” está isenta de regionalidades ou de regionalismos, já que os espaços geográficos compõem-se pela sobreposição de fenômenos culturais diversos,

resultando em “condensações espaciais” (JOACHIMSTHALER, 2009). O urbano, assim, não é puramente urbano, nem o rural é totalmente rural. Existem particularidades que diferenciam cidade e campo, mas ambos os espaços não são impermeáveis ao que se afigura como valor supostamente alienígena.

“Literatura regional” não pode ser confundida com “literatura regionalista”, nem restringida apenas ao espaço rural. Se as regiões existem como fenômenos empíricos, discursivos ou simbólicos capazes de organizar espacialmente a vida social, isso significa que delas também fazem parte as cidades – as quais, por sua vez, contribuem para a diversidade das paisagens culturais regionais e podem ser, igualmente, inseridas em programas regionalistas. Para Joachimsthaler (2009, p. 36-37), a

Literatura regional não precisa ser necessariamente uma literatura estético-real idilizadora do torrão natal, não precisa ser necessariamente uma literatura de vilarejo ou de província [...] Mesmo o escritor provinciano mostra-se [muitas vezes] um contador de contos de fadas anarquista. E muitas vezes a ‘sua’ província é a cidade grande.

Deve-se lembrar de que os adjetivos “regional” e “regionalista”, quando juntados ao substantivo “literatura”, são capazes de atribuir-lhe noções de espaço, de origem, de matéria, de valor, de tempo e de etnicidade. O termo “regional” indica que alguma coisa – a literatura – pertence ou é própria de uma região, ao passo que a palavra “regionalista” sugere que a “literatura regional” inscreve-se numa tendência que considera e favorece os interesses de uma região.

Na opinião de Berumen (2005, p. 75), como “literatura regional” deve ser entendida

[...] aquella literatura que se localizaría dentro de un espacio sociocultural determinado. Pero como el espacio es sólo el marco territorial donde tiene lugar el proceso de su gestación y circulación, es necesario identificar a la literatura regional como un sistema literario reconocible a partir de sus propias determinaciones sociales; es decir, a partir de sus mismas instancias de producción, reproducción y recepción. Esto es, como una unidad estructurada y organizada de una manera particular.

Do ponto de vista sociológico, a “literatura regional” diz respeito à circulação ou à abrangência de autores e de obras dentro de um sistema literário situado em um sistema mais amplo (nacional e até supranacional): ela se refere “ao domínio da escrita restrita à região” (STÜBEN, 2002, p. 57). E a “literatura regionalista”, ou o “regionalismo literário”, por seu turno, tem a ver com a forma engajada e idealizada de representação das regionalidades de um espaço sociocultural.

Finalmente, do ponto de vista temático, é possível afirmar que “literatura regional” é a categoria que engloba todas as produções literárias em que as regionalidades se fazem presentes, tanto aquelas de teor mais crítico quanto aquelas interessadas em exaltar valores de uma região. Uma obra pode ser, portanto, regional pelo simples fato de conter regionalidades; ao mesmo tempo, pode ser regionalista por apoiar as regionalidades no pedal do *ismo*. Retomando os exemplos de *O sertanejo*, de Alencar, e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, é possível chegar à seguinte equação: ambas as obras podem ser enquadradas, por causa da presença indiscutível das regionalidades, na categoria “literatura regional”, mas apenas *O sertanejo*, por razões já explicitadas, carregaria o adjetivo “regionalista”.

A LITERATURA EM UMA REGIÃO

Da noção de “sistema literário regional”, deriva a categoria “literatura em uma região” (ou *localizada em uma região*), com a qual se pode definir e caracterizar a vida literária em um contexto regional. Conforme se viu anteriormente, a difusão depende da existência de um conjunto de elementos de natureza sociocultural, tal como autores, leitores, editoras e outras instituições de fomento ao livro e à leitura. Sem ignorar que uma literatura regional se relaciona com outros sistemas literários e se insere em uma trama maior da literatura nacional e, às vezes, transnacional, é possível dizer, em consonância com Berumen (2005, p. 68), que *“pensar la producción literaria regional como um sistema particular, por exemplo, tiene la gran ventaja de permitirnos considerarla dentro de los contextos más específicos de su producción, difusión, valoración y consumo”*.

Com a categoria “literatura em uma região” é possível abranger a literatura localizada em uma região, mas não uma região localizada dentro da literatura, porque nela estão em jogo as denominadas regionalidades externas: quem escreve, quem publica, quem critica, quem lê; quem incentiva, quem patrocina, quem fatura; o que se publica (gêneros), quanto se publica; quem vende, onde se vende, para quem se vende etc. Trata-se de verificar, assim, como se definem “regiões literárias” a partir dos elementos que constituem um sistema literário particularizado. De outro modo, também é possível observar como a “literatura em uma região” se configura em consonância ou não com regiões geográficas, econômicas, políticas ou administrativas já estabelecidas *a priori*.

De acordo com Stüben (2002, p. 60), no caso específico da literatura na Alta Silésia, por ele estudado,

[...] pertenece ao campo de pesquisa “literatura em uma região, por exemplo, a questão da existência das obras de autores alto-silesianos ou de outros (como renanos, poloneses) nas bibliotecas escolares ou profissionais, bem como nas colunas de jornais da Alta Silésia, no repertório de seu teatro ou corais, grupos dramáticos amadores e comunidade leitora – consequentemente, a questão das respectivas paisagens da formação, bibliotecas, media e teatro.

Para investigar a “literatura regional” no contexto cultural do grupo a que ela pertence e da qual é parte ativa (entenda-se-a como “literatura em uma região”), sintetizamos os seguintes pressupostos sugeridos por Berumen (2005, p. 73-74):

1. Considerar a infraestrutura cultural e educativa existente em uma região: oficinas de criação literária, prêmios, concursos, bolsas de incentivo, encontros, saraus, livrarias, cursos de formação, ensino de literatura, editoras, revistas especializadas, antologias etc.
2. Estudar detidamente as condições relacionadas à publicação de livros, revistas e suplementos culturais. Isso com o propósito *“de considerar en detalle las redes de comunicación y de difusión que inciden en el conocimiento, apreciación, valoración y desarrollo del hecho literario en su conjunto”* (BERUMEN, 2005, p. 73).
3. Analisar as condições de difusão, recepção e valoração crítica das obras, tanto no contexto regional quanto no nacional.

4. Reconhecer o papel da crítica regional no trabalho de emitir juízos sobre as obras publicadas, bem como a sua função no processo de articulação da literatura regional.
5. Aceitar o que se chama de “*débil organicidad del sistema literario regional en cuanto a sus instancias de producción, difusión e interpretación*” (BERUMEN, 2005, p. 74), comparativamente aos principais centros de publicação, distribuição, consumo e avaliação crítica.
6. “*Explicar con detalle las causas sociales e históricas que han incidido en el desigual desarrollo del hecho literario en las distintas regiones del país*” (BERUMEN, 2005, p. 74) – ou mesmo de um estado.

A categoria “literatura em uma região” diz respeito, em suma, à existência de um sistema literário de proporções não limitadas, mas em relação, por assim dizer, limítrofe, contígua ou fronteira com outros sistemas literários. Daí, por exemplo, ser possível falar em uma literatura no Rio Grande do Sul, a qual, enquanto sistema literário e como fronteira jurídica de fato, relaciona-se com outros sistemas fronteiros situados dentro e fora do sistema nacional. Por conseguinte, esse mesmo sistema estadual pode ser fracionado em outros sistemas, emergindo, desse modo, a literatura na região da Serra, a literatura na região metropolitana, a literatura na região das Missões etc. Deve ficar claro, no entanto, que se parte aqui da pressuposição de que esses sistemas já existem *a priori*, sem que estejam mapeados por meio de uma pesquisa sociológica. Da mesma forma, a referência toponímica é utilizada a partir de sua definição preexistente (a Serra, as Missões, a Metrópole), o que não significa que os sistemas literários mencionados não possam romper e ultrapassar tais convenções toponímicas. Uma paisagem literária, ou a literatura em uma região, só poderá ter sua configuração precisada, em última instância, após investigação dos fatores sociológicos que a constituem.

A LITERATURA SOBRE UMA REGIÃO

Como a própria nomenclatura indica, essa categoria abrange produções literárias que tematizam uma região, mas que não são necessariamente produzidas na região a que se referem. A literatura *sobre* uma região pode ser reconhecida pelas regionalidades internas aos textos literários, ou seja, pelas particularidades culturais representadas ficcionalmente.

E aqui estão referidas não apenas as obras do regionalismo programático, mas todas as criações literárias que fazem referências a um determinado espaço regional. Na concepção de Stüben (2002, p. 57),

[...] da afirmação trivial de que toda obra literária – até mesmo aquela dos escritos de Goethe – surgiu em uma região, pode-se retirar a classificação daquelas obras com temáticas baseadas em uma região (ou local), cuja ação se desenvolve em um recorte real e delimitado do mundo. Se, em função de seus pressupostos, o conteúdo referencial de uma obra é claramente relacionado a uma região definível geograficamente, então eu a classificaria como uma obra da literatura localizada regionalmente.

Em outros termos, trata-se de uma categoria da literatura regional a partir da qual se pode pensar a configuração de regiões socioculturais com base nas

representações literárias. Como exemplo, tomo aqui a obra do escritor Paulo Ribeiro, que com *Glaucha* (1989), seu romance de estreia, *Vitrola dos ausentes* (1993), *Valsa dos aparados* (2000), *Missa para Kardec* (2002) e *Chegaram os americanos* (2011), literariza a região dos Campos de Cima da Serra, dando voz a um grupo social e a um espaço cultural até então ignorados pela literatura. Um fato interessante aqui é que, desde antes de 1989 até a data corrente, o autor encontra-se fisicamente afastado de Bom Jesus, ou seja, não reside mais na cidade ou na região sobre a qual escreveu. Desse modo, ao se falar aqui de uma literatura *sobre* a região dos Campos de Cima da Serra, deve-se ter presente também o fato de o romancista ter trazido suas obras a lume em editoras não de Bom Jesus, mas de Porto Alegre (região Metropolitana) e de Caxias do Sul (região da Serra).

A “literarização de uma região” (JOACHIMSTHALER, 2009), como no caso dos Campos de Cima da Serra, não depende da localização geográfica do escritor e das casas editoriais em que as obras vêm a público (esse é um problema para a literatura *em* uma região) ou, até mesmo, da assunção ou não, nesse processo, de uma bandeira regionalista. Literarizar uma região implica representar: 1. um conjunto de valores compartilhados por um grupo de habitantes de um mesmo território; 2. as formas de vida cotidiana que identificam uma comunidade; 3. um passado histórico e 4. as atitudes, tradições, costumes, símbolos e crenças comuns a um grupo humano.

Nesse sentido, um olhar sobre a pentalogia de Paulo Ribeiro permite reconhecer esse conjunto de caracteres delineando não apenas uma região geográfica, mas especialmente uma “região sociocultural” (BERUMEN, 2005). Estamos diante, em suma, de um exemplo de literatura *sobre* os Campos de Cima da Serra produzida por um autor que vive e publica em regiões que não coincidem com a região por ele literarizada. Desde o século XIX, casos semelhantes ao de Ribeiro ocorreram na literatura brasileira e comporiam uma longa lista: José de Alencar e o Ceará; Graciliano Ramos e Alagoas; Jorge Amado e o sul da Bahia; Guimarães Rosa e o norte de Minas Gerais etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais uma vez, volto a afirmar que avançar na discussão sobre as categorias aqui propostas pode contribuir para a renovação dos estudos sobre o regionalismo literário, rompendo com o rígido círculo conceitual a que as obras de ambiência rural foram historicamente submetidas no Brasil. Regionalismo, literatura regional, literatura *em* uma região e literatura *sobre* uma região são categorias que podem ser reconhecidas e diferenciadas conforme o tipo de relação de regionalidade que o texto literário estabelece com o espaço regional – tanto as relações de regionalidade internas quanto as externas.

A escrita de uma história literária regional (como a da Serra Gaúcha⁸, por exemplo), pode trazer à tona dúvidas sobre quais obras devem integrá-la – ao que Stüben (2002) propõe que sejam consideradas aquelas que:

8 O projeto Livro (Para uma história da leitura e da literatura em contextos regionais), que atualmente desenvolvo junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da UCS e ao Programa de Doutorado em Letras da UCS/Uniritter, tem como foco a investigação de questões teóricas e empíricas relativas à mediação social do livro, bem como a produção, circulação, mediação e recepção de obras literárias em contextos regionais e suprarregionais, no sentido de examinar o conjunto da vida literária da Serra Gaúcha e sua possível constituição de um sistema literário regional.

- surgiram na respectiva região (ainda que tenha sido o local de estadia acidental do autor);
- foram elaboradas no discurso regional e permitem reconhecer relações intertextuais com traços regionais;
- originaram-se de estímulos que o autor tenha experimentado dos cenários, locais e pessoas de uma região;
- representam uma região e tenham com ela um traço temático como motivo e pano de fundo;
- acima de tudo tenham sido escritas para um público leitor de uma região;
- tenham sido publicadas em uma editora ou em um órgão de imprensa locais;
- tenham sido disseminadas e surtido efeito na região (no público, crítica literária, outros autores) – em geral em função de sua estreita ligação temática com a região;
- provenham de autores que tenham nascido ou crescido na região, mesmo sob circunstâncias em que nas obras ocorram traços regionais somente por acidente, e o local de surgimento e a recepção sejam outros;
- provenham de autores que viveram na região e tenham sido inspirados pela paisagem, suas pessoas e cultura;
- liguem-se a “lugares de memória” especiais, carregados de significado, frequentemente mitificados [...], e que estejam ancoradas de maneira especial na memória dos descendentes e sejam conservadas também na consciência de gerações futuras – tanto monumentos culturais, cidades, locais de atividade de personalidades, cenários, quanto locais de tormentos como cenários de guerra, campos de concentração e de extermínio (Auschwitz), rotas de fuga e expulsão.

Stüben propõe, em suma, que uma história literária regional seja escrita considerando obras que se relacionem com a região estudada, tanto do ponto de vista das regionalidades internas, quanto das regionalidades externas. Essa forma de historiar a literatura quebra com os paradigmas tradicionais de “nascimento e pertencimento” de obras e autores a certos territórios, e leva em conta, também, o papel desempenhado pelos *poetae minores* no desenvolvimento da vida literária regional. E considera-se integrante de uma paisagem literária regional qualquer obra ou autor que, por sua recepção, produção e temática, estabeleça algum tipo de relação com ela.

O “regionalismo” não pode continuar sendo uma categoria a rotular todas as obras de ambiência rural, mas, sim, apenas aquelas em que as particularidades culturais regionais sejam intencionalmente postas em evidência, exaltadas em relação a outras. Em razão disso, a categoria “literatura regional” surge como alternativa viável para englobar não só o regionalismo literário, como também as outras obras ambientadas ou produzidas na região. E, avançando ainda mais, uma história literária regional só será completa se conjugada ao esforço de reconstituir o conjunto de fatores responsáveis pela vida literária da região, tais como: as vias e meios de difusão pela imprensa (jornais, revistas, calendários, almanaques); editoras, livrarias e bibliotecas para pesquisa e empréstimo; grêmios literários, clubes culturais, grupos de leitura, salões e *performances* de

poesia; centros culturais dentro e fora da região; escolas e universidades como instituições de formação dos autores e seu público, bem como locais de pesquisa científica e espiritual; atuação da crítica literária; política cultural pública regional e local; recepção da literatura em outras regiões; presença de literatura estrangeira no original ou em tradução; tradução para outras línguas que possibilitem a recepção fora da região; situação da linguagem escrita e uso de recursos dialetais; processos de troca entre os dialetos e línguas vizinhas; situações de bilinguismo e multilinguismo; circunstâncias étnicas, histórico-povoacionais, geográfico-culturais, socioculturais e histórico-mentais (cf. STÜBEN, 2002).

NOTES ABOUT REGIONALISM AND REGIONAL LITERATURE: CONCEPTUAL PERSPECTIVES

Abstract: This essay aims at rousing discussions on the concept of “regionalism”, a term usually employed in Brazil with the purpose of labeling and classifying literary works that are composed of rural settings. The study also intends to go further on the definition of other categories – such as “regional literature”, “literature in a region”, and “literature about a region” –, which may contribute to the study of the wide range of literary productions that present nuances of regionality. In a broad sense, this essay proposes a sociology of literature that would be able to support the renewal of literary studies that adopt a regional perspective. The theoretical basis of the present essay is comprised of German authors, especially Stüben (2002), Berumen (2005), Kramer (2006), Mecklenburg (2008) and Joachimsthaler (2009).

Keywords: Regionalism. Literature *in* a region. Literature *about* a region.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, J. C. Do nacionalismo romântico à literatura regional: a região como pátria. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 28, p. 175-194, 2010.
- ARENDDT, J. C. Do outro lado do muro: regionalidades e fronteiras culturais. *Rua*, São Paulo, v. 2, n. 18, p. 182-199, 2012.
- ARENDDT, J. C.; NEUMANN, G. R. (Org.). *Regionalismus – regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: Educs, 2013.
- BARCIA, P. L. *Literatura de las regiones argentinas*. Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, 2004.
- BERUMEN, H. F. *La frontera en el centro*. Ensaio sobre literatura. Baja Califórnia: Universidade Autônoma de Baja Califórnia, 2005.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.
- FISCHER, L. A. Conversa urgente sobre uma velharia: uns palpites sobre vigência do regionalismo. *Cultura e Pensamento*, Brasília, n. 3, p. 1-13, dez. 2007.
- JOACHIMSTHALER, J. (Org.). *Regionalität als Kategorie der Sprach und Literaturwissenschaft*. Frankfurt; Berlim; Berna; Bruxelas; New York; Oxford; Viena: Instytut Filologii Germanskiej der Uniwersytet Opolski, 2002.
- JOACHIMSTHALER, J. A literarização da região e a regionalização da literatura. *Antares (Letras e Humanidades)*, n. 2, p. 27-60, jul./dez. 2009.

- KRAMER, A. *Regionalismus und Moderne*. Studien zur deutschen Literatur 1900-1933. Berlin: Amsterdamer Publikationen zur Sprache und Literatur, Band 165, 2006.
- KUNICKI, W. *Neisse*. Regionalität und Kulturalität. Nysa: Neisse Verlag, 2005.
- LÖW, M. Stadt und Raumsoziologie. In: KNEER, G.; SCHROER, M. (Org.). *Spezielle Soziologien*. Ein Handbuch. Wiesbaden: VS, 2010.
- MADER, E. T. *Literarische Landschaft bayerisches Allgäu*. Grundzüge einer regionalen Literaturgeschichte. Blöcktach: Verlag an der Säge, 1994.
- MECKLENBURG, N. *Das Mädchen aus der Fremde*. Germanistik als interkulturelle Literaturwissenschaft. München: Iudicium-Verlag, 2008.
- MURARI, L. “Um plano superior de pátria”: o nacional e o regional na literatura brasileira da República Velha. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 11., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2008. p. 1-10.
- POLASCHEGG, A. Grenzfälle. Theoretische vorüberlegungen zum Verhältnis von Regionalität und Fremde(m). In: BALOGH, A. F.; SCHÜTZ, E. (Org.). *Regionalität und Fremde*: literarische Konstellationen, Visionen und Konzepte im deutschsprachigen Mitteleuropa. Berlin: Weidler, 2007.
- POZENATO, J. C. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: ZILLES, U. *Filosofia*: diálogo de horizontes. Porto Alegre: EDIPUCRS; Caxias do Sul: Educs, 2001.
- SCHEICHL, S. P. Der Austritt aus der Regionalliteratur. In: TONTSCH, B.; SCHWOB, A. (Org.). *Die siebenbürgisch-deutsche Literatur als Beispiel einer Regionalliteratur*. Köln: Siebenbürgisches Archiv, 1993.
- SCHÜTZ, E. (Org.). *Regionalität und Fremde*: literarische Konstellationen, Visionen und Konzepte im deutschsprachigen Mitteleuropa. Berlin: Weidler, 2007.
- STÜBEN, J. “Regionale Literatur” und “Literatur in der Region“. Zum Gegenstandsbereich einer Geschichte der deutschen Literatur in den Kulturlandschaften Ostmitteleuropas. In: JOACHIMSTHALER, J. (Org.). *Regionalität als Kategorie der Sprach und Literaturwissenschaft*. Frankfurt; Berlin; Berna; Bruxelles; New York; Oxford; Viena: Instytut Filologii Germanskiej der Uniwersytet Opolski, 2002.

Recebido em julho de 2014.
Aprovado em setembro de 2014.